

# 1º CICS

CONGRESSO INTERNACIONAL  
CIÊNCIA E SOCIEDADE



## TRABALHOS PREMIADOS

2023



CENTRO UNIVERSITÁRIO  
SANTO AGOSTINHO

**1º CICS** | CONGRESSO INTERNACIONAL  
CIÊNCIA E SOCIEDADE

# TRABALHOS PREMIADOS 2023





CENTRO UNIVERSITÁRIO SANTO AGOSTINHO – UNIFSA  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO  
NÚCLEO DE APOIO PEDAGÓGICO - NUAPE  
PROGRAMA DE EXTENSÃO

Publicado por Editora LESTU

Design Gráfico: Ana Kelma Cunha Gallas

Capa: Odrânio Rocha

Diagramação: Kleber Albuquerque Filho

Centro Universitário Santo Agostinho - UNIFSA

E-mail: cics@unifsa.com.br

Este título possui uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0). A íntegra dessa licença pode ser acessada: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/legalcode.pt>

© 2023 UNIFSA Todos os trabalhos deste livro foram submetidos, aprovados e apresentados no Congresso Internacional Ciência e Sociedade (CICS) 2023, sendo selecionados como os melhores trabalhos apresentados em Grupos Temáticos do evento. <https://unifsa.com.br/cics2023/publicacoes/>

#### FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

1º CICS [livro eletrônico] : Congresso Internacional Ciência e Sociedade : desenvolvimento humano e social : das ideias às práticas : trabalhos premiados 2023/ Centro Universitário Santo Agostinho - UNIFSA [organização Ana Kelma Cunha Gallas, Alisson Dias Gomes, Izabel Herika Gomes Matias Cronemberger]. -- São Paulo : Lestu Publishing Company, 2023. -- (Trabalhos Premiados do Congresso Internacional Ciência e Sociedade ; 1)

514 p. online

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN: 978-65-85729-05-5

DOI: <https://doi.org/10.51205/lestu.978-65-85729-05-5>

Disponível em: <https://lestu.org/books/index.php/lestu/catalog/book/17>

1. Ciência - Congressos - Brasil 2. Congressos 3. Desenvolvimento humano 4. Desenvolvimento social 5. Divulgação científica I. Gallas, Ana Kelma Cunha. II. Gomes, Alisson Dias. III. Cronemberger, Izabel Herika Gomes Matias. IV. Série.

23-182727

CDD-501

#### Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências : Divulgação 501

Tábata Alves da Silva- Bibliotecária- CRB-8/9253



A Lestu é uma editora que acredita na Ciência Aberta. Permitimos a leitura, download e/ou compartilhamento do conteúdo desta obra para qualquer meio ou formato, desde que os textos e seus autores sejam adequadamente referenciados.

#### EDITORA LESTU

Editora, Gráfica e Consultoria Ltda

[editora@lestu.org](mailto:editora@lestu.org)

[www.lestu.com.br](http://www.lestu.com.br)

[@lestu\\_editora](https://www.instagram.com/lestu_editora)



# Trabalhos premiados 2023



# 10

## DIVERSIDADE, DIFERENÇA E INCLUSÃO NA UNIVERSIDADE: os corpos de homens negros por eles mesmos<sup>1</sup>

**Josué Gonçalves Freitas Lima<sup>2</sup>**  
**Michelle Vicente Torres<sup>3</sup>**

---

1 Trabalho premiado no Grupo Temático 17 – Caminhos e Trilhas de uma Educação Inclusiva: um Manual de Experiências Vivas, do 1º Congresso Internacional Ciência e Sociedade, promovido pelo Centro Universitário Santo Agostinho, de 4 a 7 de outubro de 2023.

2 Graduando em Fisioterapia pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

3 Fisioterapeuta, graduada pela Universidade Estadual do Piauí, Especialista em Fisioterapia Cardiovascular em Regime de Residência pelo Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia do Estado de São Paulo, Mestre em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, Especialista em Docência na Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Especialista em Gestão de Programas de Residência pelo Hospital Sírio Libanês. Docente de Ensino Superior para o Curso de Fisioterapia da Universidade Estadual do Piauí, pós-graduanda em Gestão de Programas de Residência em Saúde do SUS (MS/Hospital Sírio-Libanês) e Tutora de Campo da VIII Turma de Residência Multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade da UESPI.

## RESUMO

O estudo busca a partir da expressão individual compreender perspectivas sobre a corporeidade do homem negro acadêmico que se encontra em uma instituição de nível superior do Estado do Piauí. Entende-se de antemão que as observações e conclusões do corpo permeiam as agruras históricas vivenciadas em uma conjuntura racial excludente e que se distanciam de uma análise semiótica crua e simplista, mas que adentra e remete as repressões sociais, à falta de representatividade e a contextos econômicos e espaciais distintos entre os próprios entrevistados que com suas diferenças, convergem em um ponto: a presença na universidade. Os dados coletados foram pormenorizados conforme Análise de Conteúdo proposta por Bardin e a pesquisa caracteriza-se por ser qualitativa, transversal, observacional e analítica, com amostra do tipo qualitativa, intencional. Por fim, concluiu-se que urge criar mecanismos de interseccionalidade e conscientização em sala de aula que remetam ao empoderamento sobretudo no contexto educacional de saúde.

**Palavras-Chave:** Corporeidade. Homem Negro. Acadêmicos De Saúde.

## INTRODUÇÃO

A compreensão humana acerca do corpo, em sua ampla abordagem sociológica, busca mediante fenômenos sociais e culturais o entendimento do corpo na perspectiva semântica interpessoal e de forma simbólica com o mundo (LE BRETON, 2011, p. 17). De forma introdutória, a expressão da natureza corporal em um espaço social, torna a matéria física maleável e manipulável aos anseios e normas temporais, culturais e ideológicos vigentes (RIBERA, 2017). Dessa forma, a compreensão dos mecanismos onerantes que suscitaram a discriminação racial durante séculos faz-se imprescindível para a descaracterização da repulsão fenotípica vivenciada pelo povo negro diariamente, inclusive em esferas acadêmicas.

Dessarte, um traçado inovador que permita ampliar discussões na estrutura racista de percepção corporal que mantém espaços de poder segundo a análise semiótica, finca-se na análise decolonial, onde observar a trajetória contrária à eurocêntrica visão, suscita um pensamento crítico complexo, menos cético, ao passo em que novas vertentes e pontos de vistas são considerados. Para tanto, é fulcral contornar o estereotipado discurso hegemônico moderno, o qual restringe a corporalidade negra à simbologia e à repulsa, sustentada historicamente na premissa colonizadora que desconsidera a organização socioafricana das diferentes civilizações milenares existentes naquele continente (MBEMBE, 2014, p. 9-11).

Segundo Mbembe (2014) três momentos sobretudo destacam-se na construção temporal e facilitam o entendimento da didática racial nos moldes atuais, sendo estes a espoliação no tráfico atlântico, onde há um “calabouço das aparências” na busca de um esquecimento dos valores e tradições do escravizado, posteriormente, o acesso à escrita e as articulações e resistências, e em seguida, o mais recente momento, a codificação, pautada na indiferença e sustentada pela marginalização própria do capitalismo (MBEMBE, 2014, p. 12-15). Sem dúvidas portanto, o apagamento das memórias é a chave para um ponto de partida no resgate do entendimento rizomático da conjuntura excludente existente. (SODRÉ, 2017)

Ao pisar em terras da colônia, os escravos logo deparavam-se com um tratamento animalizado, reféns de uma linguagem zoológica, mostrando assim, que para o colono, o corpo negro, precipuamente do homem, detinha apenas valor de força (FANON, 1968). Observa-se assim, o epistemicídio sofrido pelo povo e a tentativa de desumanização, reiterando a égide de um corpo sem alma, sem liberdade, sem língua, cultura ou religião (QUEIROZ, 2013).

Tal conjuntura, conduziu o sistema onerante de forma a operar na contemporaneidade ainda de forma consistente,



escondido, mas ainda sim muito bem articulado, apresentando consigo novas multifaces e desafios (DIANGELO, 2018, p. 65). Cita-se a hipersexualização, por exemplo, como uma adaptação do molde animalesco projetado sobre corpos de homens negros no período colonial, desconsiderando as capacidades racionais, afetivas e psicológicas, que por esses, estereotipadamente, devem ser reprimidas. Como resume Fanon: “diante do negro, com efeito, tudo se passa no plano genital” (FANON, 2008, p. 138). Ademais, o equivocado positivismo científico, inaugurou no século XX uma forma inusitada de racismo, sendo esse, com a prerrogativa de “melhoramento genético”, em terras brasileiras, a mestiçagem ganhou o nome de “purificação” através de incentivos à vinda de imigrantes vistos pelo governo como heróis do “branqueamento”. Décadas após, o Brasil colhe uma dualidade racial de complexo entendimento e que estabelece hoje em dia um regime pigmetocrata onde a mestiçagem exige um olhar ainda mais apurado quanto à presença de traços negroides por exemplo, e a relação com a intensidade das violações racistas. (MOORE, 2007, p265-266)

De certo, independente de espaço e tempo, o homem de forma intrínseca consolida-se ativamente como emissor e receptor da experiência corporal na trama social de sentidos o qual está inserido, compondo a comunidade, entretanto, o racismo, a percepção obscura emitida por ele e suas nuances, implicam estigmas que historicamente afetam pessoas pretas nos mais diferentes aspectos, primordialmente no modo em que são enxergadas e por conseguinte, no jeito em que se interpretam. O ato discriminatório deleita-se na semiótica corporal, e, portanto, é imprescindível um estudo minucioso acerca das violências e intolerâncias derivadas do imaginário executor e experimentadas nas vivências das vítimas (LE BRETON, 2007, p. 72).

Dessa maneira, o ciclo de manutenção de privilégios deve ser rompido e para isso, a inclusão acadêmica, o fomento à criação

de conhecimento e debates, a autoria de pesquisas, e a extensão da produção acadêmica à comunidade fazem-se imprescindíveis, visto que os espaços educativos representam um local de poder (BOURDIEU, 1998) que ao longo de anos distanciou-se estruturalmente às necessidades das minorias sociais, devendo agora, inclusive por meio de políticas públicas assistenciais, cooperar democraticamente à tão estimada mobilidade.

Dessarte, considerando a universidade um órgão interventor na comunidade e potencialmente mobilizador, consoante ao pensamento de Santos (2003) há necessidade da percepção de caracterizar o seu âmbito acadêmico e científico como incluyente e equitativo, de forma a não alimentar as desigualdades do meio externo, mas que de forma ética e democrática busque não reproduzir passivamente configurações desiguais, nesse caso, referente à estrutura racista que mantém longínquo da inserção academicista o homem negro, recusando um olhar autêntico e identitário nos debates academicistas. Assim sendo, a produção científica nesse caso suscita relevantes reflexões nos mais diversos aspectos, sejam estes externos e até psicológicos inerentes à vida desse estrato social. À vista disso, justifica-se o caráter de resistência atribuído à escolha temática de tal estudo, pela relevância e atualidade discursiva e sobretudo na busca de um mundo mais acolhedor e compreensivo à minoria supracitada, projetando a desconstrução ao amargor equivocado e injusto experimentado no passado

## METODOLOGIA

O estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, transversal, observacional e analítica, com amostra do tipo qualitativa, intencional, realizada com acadêmicos autodeclarados negros, acima de 18 anos, regularmente matriculados na graduação bacharelado em

Fisioterapia, Psicologia e Enfermagem e que encontravam-se entre o curso do quinto (5º) ao décimo (10º) período de uma Instituição Pública de Ensino Superior, localizada no município de Teresina, Piauí, Brasil. A pesquisa foi pautada nos princípios éticos que regem e envolvem pesquisas com seres humanos e seguiu as normas da resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). O projeto foi cadastrado na Plataforma Brasil para encaminhamento ao Comitê de Ética Pesquisa da Universidade Estadual do Piauí e somente após a aprovação do CEP deu-se início à pesquisa.

Nesse tipo de abordagem qualitativa não foi especificado o número de sujeitos, sendo este delimitado conforme o Princípio da Saturação e Amostragem Teórica, ou seja, quando a coleta é suspensa e não há a inclusão de novos participantes a partir do momento em que os conteúdos trazidos pelos sujeitos apresentam-se redundantes e/ou repetitivos e não mais contribuem com o aprofundamento das discussões sobre a temática abordada (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008).

A produção de dados foi realizada entre agosto de 2022 e julho de 2023. O convite formal de participação dos convidados se deu através do envio de uma mensagem contendo uma breve apresentação da pesquisa nos grupos específicos de cada turma e a solicitação de sinalização caso apresentasse interesse pela pesquisa mediante preenchimento de formulário na ferramenta Google Forms.

A partir disso, para aqueles que acenavam positivamente para participação voluntária, era realizado o agendamento de uma entrevista. Estas, por sua vez, ocorreram no aplicativo de chamadas instantâneas Google Meet. Antes do início das entrevistas, era abordado para os participantes a necessidade da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), além de orientações de como consistiria em sua participação. Ressalta-se que uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi enviada

para o WhatsApp dos participantes, para que devolvessem aos pesquisadores, de forma digital e assinado.

Após a confirmação de que foram devidamente esclarecidos sobre os termos que regem a pesquisa, procedeu-se com a entrevista primeiramente solicitando a permissão para gravação da conversa para posterior transcrição e logo em seguida descarte, além da escolha de um codinome para maior garantia do sigilo. Por conseguinte, a execução prática do roteiro semiestruturado composto pelas seguintes perguntas: - “Como você vê seu corpo?”; “Como você, homem negro, percebe a presença do seu corpo na sociedade?” e “Você acredita que o meio em que você se insere exerce influência na forma de compreender o seu corpo? Fale sobre isso.”.

É oportuno destacar que deveriam ser excluídos os participantes que desistissem de consentir com a divulgação dos dados, não seguissem o roteiro da entrevista semiestruturada, que não aceitassem a gravação da entrevista, que desistissem da permanência no curso até o período final da coleta, ou aqueles que optassem por desistir da participação na pesquisa antes de responderem por completo o instrumento de coleta. A amostra foi composta por 10 participantes, em decorrência da proposta de saturação. Não houve exclusões.

Os dados produzidos foram analisados conforme a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2004), que possibilita a interpretação cifrada do material de caráter qualitativo. A construção da análise de dados da pesquisa foi, assim, realizada conforme as etapas de: pré-análise, com sucessivas e exaustivas leituras do material transcrito, onde foram destacadas as possíveis unidades de registro, as unidades de contexto e categorizações, bem como conceitos teóricos gerais; exploração do material, onde foi realizado recorte do texto em unidades de registro (previamente escolhidas), a codificação dessas unidades de registro, bem como a classificação e a junção

dos dados em unidades temáticas, segregando-se as categorias temáticas; tratamento dos resultados obtidos e interpretação, onde as informações fornecidas pela análise ficaram evidenciadas, permitindo inferências e interpretações com base no referencial teórico adotado.

As falas foram transcritas na íntegra para um computador, possibilitando uma melhor análise do conteúdo. Destaca-se que o material coletado passou por correções linguísticas, que não eliminaram o caráter natural das mesmas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da presente pesquisa 10 participantes acadêmicos autodeclarados negros dos cursos de fisioterapia, enfermagem e psicologia, devidamente matriculados entre o 5º e o 10º bloco da Universidade Estadual do Piauí (CCS-FACIME) e que frequentando regularmente as atividades da instituição concordaram com os termos que regeram a entrevista e responderam integralmente o instrumento de coleta de forma devida. Ressalta-se que a partir das entrevistas realizadas tornou-se possível construir as seguintes categorias: “Corporeidade, a imposição dos padrões estéticos e a criação de estereótipos”; “A construção histórica de um ‘homem selvagem’”; e “O letramento e a (re)educação racial no ambiente acadêmico”.

Categoria 1 – Corporeidade, a imposição dos padrões estéticos e a criação de estereótipos.

“O corpo, eu vejo assim como uma forma de me mostrar perante a sociedade, e que correlacionando a esse lado racial, como homem negro, eu imagino que existem muitas especificações que a gente coloca a partir do conceito racial... o corpo negro hoje em dia traz muito significado por conta das lutas e tudo mais... então como homem negro imagino que exista toda essa carga por cima”. [CINZA]

De forma introdutória, ontologicamente tanto a dimensão física quanto a subjetiva pautam-se intrinsecamente ao contexto da subjetividade social, ou seja, as identidades e compreensões que atravessam as estruturas sociais criam paralelamente uma concepção ideal de corpo, condizente ao contexto antropológico comunitário pré-existente em tal esfera, sendo para a consolidação e perpetuação do mesmo, aplicados diferentes mecanismos como a mídia, a indústria e até mesmo a arte. Fato é que a imposição de tais padrões necessariamente implicam a invisibilidade, opressão ou marginalização dos corpos que não condizem aos requisitos exigidos e trazem consequências mentais e sociointerativas entre aqueles que se apresentam “diferentes” do reverberado, portanto, para Tomas Tadeu da Silva (2000) compreender a identidade necessariamente adentra à compreensão da diversidade.

“... Já na questão racial, eu acho que tipo, levando ao lado de gente branca eu acho que eles são o “padrão” para as pessoas negras se espelharem.... Vamos dizer assim.... Até um tempo atrás, diziam que a Gisele Bündchen era o padrão do corpo, ou de beleza feminina, aí todo mundo a via como o padrão para se espelhar... para homem eu consigo imaginar o Tom Cruise, seria a mesma coisa”. [Vermelho]

Sob esse viés, no mundo pós-moderno, a presença do corpo negro carrega marcas de agruras históricas e de um passado tenebroso – como a escravidão e a segregação promovida pelo apartheid - que implicaram e implicam em um mecanismo opressor, duradouro e persistente, presente até a atualidade, que se adapta aos moldes situacionais e temporais apresentando-se seja de forma sutil, disfarçada, estruturada ou ostensiva, não somente na construção do padrão semiótico de beleza, mas bem além. Todas essas formas segregantes, entretanto, possuem algo em comum: a manutenção dos espaços de poder e dominação por aqueles que são cientes do seu local de privilégio e que não aspiram à minimização



das desigualdades e injustiças sociais presentes no atual modelo hierárquico que sustentam as relações raciais. (BHABHA, 1998)

“... aí no final do atendimento ela me chamou num canto e falou assim: “eu posso falar contigo?”... ela me falou assim: “você é lindo, sua cor é linda, mas corte esse seu cabelo por favor!”... e aí, essa frase ainda hoje mexe comigo o meio que a gente vive influencia muito sobre a nossa percepção da autoconfiança, também na questão da autoestima”. [Verde]

Os padrões de beleza eurocêntricos impuseram uma percepção de beleza que visa excluir e marginalizar corpos negros, negando também os espaços de poder aos afrodescendentes, demolindo expressões artísticas e culturais, impedindo a representatividade e eliminando dessa forma os referenciais estéticos, intelectuais e artísticos de um povo, distanciando-os dos locais de destaque nas sociedades, reduzindo de forma estereotipada a função cognitiva e intelectual de pessoas negras uma narrativa étnica dominante que segue vigente correlacionando os corpos negros necessariamente à força física e aos trabalhos braçais e condições de subalternidade ou submissão.

“Pela sociedade, é que ela enxerga mais os negros com aquele corpo mais forte sabe? E o meu não é tão forte assim como o dos outros Um corpo que não atende ao padrão da sociedade.” [Preto]

É notório através das primeiras falas analisadas constatar que sim, o meio em que você se insere exerce influência na forma de compreender o seu corpo, sobretudo em uma sociedade racista. A percepção do corpo negro ainda sofre as consequências do período colonial e ainda que a entrevista tenha sido em um ambiente acadêmico, estas pessoas que encontram-se na graduação, durante a sua vida já perceberam e percebem o distanciamento de sua identidade aos padrões estéticos exigidos na comunidade em questão.

Compreender a importância da representatividade e lutar por ela é uma das garantias às futuras gerações de que um pontapé inicial está sendo dado em busca da autoestima e do empoderamento destes jovens para que eles encontrem um referencial autêntico, desconstruído de estereótipos, identitário, plural, diverso culturalmente onde possa ser visto e desenvolvido suas próprias capacidades e potencialidades não mais próximas ao racismo estrutural, mas próximas à inclusão, à igualdade de oportunidades, à mobilização social.

Categoria 2 - A construção histórica de um “homem selvagem”.

“Eu acredito que a ideia do corpo negro sempre foi ligado muito à ideia de força física... e historicamente foi ligada à ideia de força física e de resistência... mais do que de uma pessoa branca por exemplo... atrelado a trabalhos mais braçais, a serviços mais braçais...” [Marrom]

“Quando eu jogava bola, eu tinha meio que obrigação, obrigação não, eu tinha um... não sei a palavra, mas eu ia jogar bola e a galera já tinha medo da minha marcação, do meu estilo de jogo... mesmo não tendo jogado comigo ainda... só de me ver, já diz assim: cuidado com o negão ali, se ele chegar em ti, tu tá lascado!” [Azul]

Diante do já exposto, entende-se a escravidão como um capítulo relevante para a compreensão do legado desumanizante acerca da corporeidade negra. Em primeira análise, convém ressaltar a institucionalização e a normalização do tráfico negreiro, onde a objetificação do corpo negro como mercadoria ao longo dos anos passaria a acentuar a sexualização e abusos que resultaram em um processo de miscigenação forçada, que mais tarde a branquitude justificaria em uma visão distorcida a criação do mito “democracia racial”, difundida e notabilizada, sobretudo na obra de Gilberto Freyre. (2002, p. 301)

Durante esse período sombrio, a religião encarregava-se de justificar a exploração em um discurso que retirava dos negros até o direito de ter uma alma, igualando-os à uma figura animalesca. Reduzidos a uma mera força de trabalho de seus senhores, sofrendo violações, sendo-lhes negado a humanidade, e em constante associação à características negativas e ameaçadoras, o corpo negro desde então sofre os efeitos da criação de uma forte discriminação social e da difusão de medos infundados que reverberam até hoje no imaginário racista o que pode ser resumido como: a construção de um perfil violento e selvagem do homem negro, que ao longo dos anos, a urbanização e marginalização de tais consolidaram a narrativa sectária da branquitude e exigem uma compreensão profunda do lugar da negritude no espaço citadino e as implicações que geram a desvalorização destes. (WERMUTH,2020)

“Há além de toda a pressão estética que acontece em todos os tipos de corpo... em específico no corpo preto há essa estigmatização em relação a preconceitos como perigo ... pessoa ser perigosa... as pessoas não confiarem, terem sempre uma desconfiança sobre a índole da pessoa somente pelo corpo e... deixa eu ver... até formas de pseudo privilégio como a sexualização, alguns homens negros continuam se utilizando disso, mas isso também traz consequências negativas...” [Prata]

Para isso, o conceito de Necropolítica adentra os debates a partir do filósofo camaronês Achille Mbembe (2018) onde o exercício das atribuições estatais encontram-se à serviço e em reforço a uma realidade opressora. Sob essa égide, associação entre a corporeidade negra e a violência a violência estrutural e governamental não somente na estruturação quem pede a geração de oportunidades ou um acesso igualitário aos direitos básicos, seja educação, saneamento ou saúde, mas sobretudo, na consumação da violência física. O estigma racial alimenta o medo e a desconfiança em relação às pessoas negras,

pautando por exemplo a conduta policial que reflete um tratamento diferenciado por parte das autoridades e da sociedade em geral reforçada pela mídia. De tal forma, a criação de uma fragmentação territorial no sub imaginário comunitário, permite identificar para além do olhar geográfico, a permissibilidade da violência expressa, por exemplo, nas abordagens e investidas violentas acometidas pelos órgãos de controle estatal em espaços periféricos. (WERMUTH,2020)

“...Nós negros temos uma marginalização social... então acredito que se expor na sociedade, sendo você negro é algo bastante dificultoso, ainda mais na questão de pele, orientação sexual, enfim, é uma forma bastante problemática para a sociedade.”[Amarelo]

Paralelamente, na esteira dos aforismas provocados por Souza (2013), entende-se a hipersexualização do homem negro como mais uma criação histórica identitária perpetuada na expressão dos estereótipos de objetificação e animalização dos mesmos. As origens dessa representação remetem à justificativa da exploração, associando homens negros à virilidade e à irracionalidade, que por conseguinte afeta as interações sociais em todos os aspectos, desde a hostilidade em expressões como “ameaçadores” ou “predadores sexuais” e que se estendem aos prejuízos quanto as oportunidades de emprego, educação e inclusão social, podendo levar a problemas de autoestima, ansiedade e depressão, descredibilizando-os à legitimação emocional e afetiva nas relações e aproximando-os apenas ao contexto sexual.(FANON, 2008)

Categoria 3 – O letramento e a (re)educação racial no ambiente acadêmico.

“Especialmente depois que eu estive na universidade, especialmente esse espaço, eu pude me apropriar do conhecimento acerca do que é ser negro... movimento negro... questões de corpo, de mente, de auto percepção, e isso faz com que normalize ao mesmo tempo e ao mesmo tempo não normalize muitas percepções,

formas de agir, formas de pensar o ser negro... como eu comecei a ter contato com esse tipo de temática, também comecei a frequentar espaços mais negros e isso vai exercendo cada vez mais influência na autoestima na autopercepção na criticidade nos outros espaços... então é totalmente influenciado de locais ao qual participo.” [Roxo]

O reconhecimento da identidade racial pode ser interpretado como a chave do entendimento do indivíduo negro sobre sua posição e papel na esfera social. Esse reconhecimento constitui um processo de empoderamento onde o indivíduo luta contra auto negação imposta mental e socialmente em uma ambientação racista. Ao reconhecer-se como negro é comum que essa consciência acarrete uma percepção ampliada quanto os recortes raciais presentes de forma escassa nas esferas de convívio ou interesse, seja no meio político representativo, nas mídias e propriamente no ambiente acadêmico. A ampliação do esclarecimento traz de forma proativa paralela afirmação de sua presença e elucida o debate da sub-representatividade, o que principalmente recorre à necessidade de mais representantes negros em posições de liderança organizacionais para que assim as demandas e necessidades da comunidade negra sejam realmente legitimadas, atendidas e solucionadas.

De antemão é necessário entender a composição dos espaços escolares e acadêmicos e a elaboração epistemológica debatida dentro desses lugares. Na esteira desse pensamento, Nilma Lino Gomes (2002, p. 39) cita o “olhar lançado sobre o negro e sua cultura, no interior da escola [...] pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las”, haja vista atualmente. quem tem o privilégio social diretamente está conduzindo a consciência crítica da sociedade e traçando a formação curricular que reforça a invisibilidade dos valores históricos, culturais, tecnológicos advindos da África e reduzem o pensamento crítico afrocentrado, além do mais,

persistindo para além do academicismo a dificuldade de ascensão desses. (NASCIMENTO, 2008)

Portanto, nesse debate faz-se importante trazer à tona alguns questionamentos, como o epistemicídio e a inferiorização do conhecimento ancestral em nome do colonialismo (SANTOS, 2009), a garantia da diversidade cultural e dos pensamentos multifacetados em esfera acadêmica e sobretudo a busca pela equidade e legitimação da presença e permanência do corpo negro nas universidades, além da ampliação e efetividade de políticas públicas assistenciais já existentes.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos resultados obtidos, a fundamentação epistemológica desse estudo contempla o conceito de corporeidade, as mediações filosóficas em torno do corpo permeiam os mais diferentes momentos e moldes de comunidade, para cada um desses modelos e recortes históricos a percepção do corpo adentra os conceitos psicológicos, culturais, sociais, políticos e até religiosos de determinada época, dessa forma, observou-se que na visão dos acadêmicos participantes da entrevista o meio que você se insere exerce influência na forma de compreender o seu corpo, e a percepção da presença do mesmo na sociedade engloba questões como a mestiçagem, a interpretação externa, as violações, além de abranger os fatores históricos e culturais que os cercam, portanto, urge reconhecer a importância, bem como criar mecanismos de interseccionalidade e conscientização dentro da sala de aula e que exacerbemos limites da mesma trazendo o reconhecimento identitário pautado nas raízes históricas que remetam ao empoderamento, consolidando dessa forma o passo inicial resolutivo da problemática existente. No contexto da saúde, uma vez que a coleta desenvolveu-

se dentro de um campi destinado as ciências médicas, o letramento racial e a presença dos debates raciais no espaço acadêmico afeta positivamente o atendimento prestado a pacientes negros, uma vez que o profissional encontra-se capaz e habilitado para a correlação de empatia em enxergar as necessidades comuns do seu corpo e correlacioná-la à de quem está sendo atendido, de forma identitária ao seu povo, também fortalecendo assim a universalidade e paralelamente a saúde comunitária e sua prestação de forma integral almejada pelas diretrizes fundamentais do Sistema Único de Saúde.

Nessa direção, sugere-se novas pesquisas acerca da temática abordada para se obter mais informações no sentido de que outras reflexões sejam geradas, inclusive sobre a capacitação permanente dos profissionais, ou futuros profissionais da área da saúde para mitigando o viés racial, trazer uma compreensão que os distanciam de tratamentos ríspidos e comportamentos verticalizados em relação aos pacientes, e que ao mesmo tempo os aproximem do reconhecimento identitário em um movimento de rompimento proativo e autêntico com os padrões e estereótipos sociais vigentes e criação do senso de autoestima, pertencimento e consciência racial de si próprios.

## REFERÊNCIAS

- BHABHA, H.K. **O local da Cultura**. Belo horizonte: Editora UFMG, 1998. p.107.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DIANGELO, Robin J. **Não basta não ser racista**: sejamos antirracistas. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Faro Editorial, 2018.
- FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira, 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Edição crítica de Guillermo Giucci, Enrique Larreta, Edson Fonseca. Paris: Allca XX, 2002.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria**: Revista de Estudos de Literatura, v. 9, 2002, p. 39

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Antropologia do corpo e modernidade**. Trad. Fábio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

\_\_\_\_\_. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1, 2018a.

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade**: novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

NASCIMENTO, Alexandre do. “Para uma pedagogia da (re)educação das relações étnico- raciais. In: NASCIMENTO, Alexandre do [et al]. **Histórias, culturas e territórios negros na educação**: reflexões docentes para uma reeducação das relações étnico-raciais. Rio de Janeiro: E-papers, 2008, p. 40,41..

QUEIROZ, Ivo Pereira de. **Fanon, o reconhecimento do negro e o novo humanismo**: horizontes descoloniais da tecnologia. 2013. Tese (Doutorado em Tecnologia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

RIBERA, Jordi P. **Corpo, cultura e educação**. Trad. Maria José Vicentini Jorente, Natalia Nakano, Lais Alpi Landim. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do sul**. Coimbra, PT; Editora Almedina, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

SOUZA, R. M. Falomaquia: homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente. Antropolítica. **Revista Contemporânea de Antropologia**. 2013.

WERMUTH, Maíquel Ângelo Dezordi ; MARCHT, Laura Mallmann; MELLO, Letícia de. Necropolítica: racismo e políticas de morte no Brasil contemporâneo. **Revista de Direito da Cidade**, vol. 12, nº 2, 2020.







**LESTU**  
Publishing Company



CENTRO UNIVERSITÁRIO  
SANTO AGOSTINHO

ISBN: 978-65-85729-05-5

